

**Lucas Antonio da Silva**

# **NAS CORDAS, ANZÓIS, REDES E GAIOLAS: seguindo os materiais na pesca artesanal**

---

## **RESUMO**

O estudo dos materiais é um campo vasto, que concentra diversas áreas do conhecimento. Esse caráter plural, sobretudo a partir da década de 1980, configurou a este campo um status de disciplina independente. Nele, a Arqueologia ganha destaque, especialmente por se tratar da ciência que se dedica com maior atenção ao estudo dos materiais em seus mais diversos contextos e tempos. A etnoarqueologia, por sua vez, considerada um campo da Arqueologia, busca, através da etnografia, a compreensão das dinâmicas materiais das populações atuais. Nesse sentido, pretende-se, com este trabalho, compreender os fluxos de vida e as relações dos materiais na pesca artesanal, mais especificamente em uma comunidade de pescadores, do litoral do Rio Grande do Sul. Para isso, utilizar-se-á três exemplos de artefatos: o espinhel, a rede e a gaiola de pesca.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnoarqueologia; materiais; pesca.

---

## **ABSTRACT**

The study of objects is a vast field, that contemplate many areas of knowledge. This plural characteristic, especially after the 1980's, conferred to this field a status of independent discipline. In it, Archaeology gains prominence, especially since it is the science that dedicates more attention

to the study of objects in their different contexts and time periods. Ethnoarchaeology, which is considered a field inside archaeology, seeks, through ethnography, to comprehend the dynamics of objects in current populations. Thus, the intention of this work is to comprehend the timeline and relationship of objects in artisanal fishing, specifically referring to a fishing community, situated in coastal Rio Grande do Sul. In order to achieve that, three artifact examples will be used, the paternoster fishing rig, the fishing net and the fishing cages

**KEYWORDS:** ethnoarchaeology; objects; fishing.

---

## INTRODUÇÃO

A Arqueologia é a ciência que, por excelência, se debruça com maior atenção no estudo da materialidade (MENESES, 1983 e 2015; OLSEN, 2003 e 2010). Ao longo da formação da disciplina, tal como afirma Lima (2011), seu foco de atuação foi variando conforme as vertentes do pensamento arqueológico foram se desenvolvendo, passando por perspectivas evolucionistas, neoevolucionistas e estruturalistas (BEAUDRY e HICKS, 2010; LIMA, 2011). Nas demais ciências sociais, nota-se, a partir do final da segunda guerra mundial, um abandono do estudo da materialidade (LIMA, 2011). Segundo Miller (1987 e 2007), isso se deve, em grande medida, à compreensão de que a materialidade significava consumo em massa<sup>1</sup>, ou seja, um consumo capitalista<sup>2</sup>. O autor aponta que é possível uma abordagem dos materiais e sua contribuição é, de modo geral, no sentido de “criar uma compreensão mais profunda da especificidade de

---

<sup>1</sup> O Autor dedica uma obra sobre o estudo do consumo de massa, na tentativa de desconstruir o modelo de oposição aos estudos de cultura material.

<sup>2</sup> Miller (2007) destaca que o desenvolvimento desse “antimaterialismo” se deve, em linhas gerais a forte influência do Marxismo nas Ciências Sociais, ao surgimento de movimentos ambientalistas e de preservação e algumas religiões que se sustentavam em evitar o materialismo. O autor destaca que essa leitura marxista de alguns acadêmicos deriva de uma visão romantizada: “A crítica ao materialismo é extraordinariamente básica. Existe uma noção duradoura nessa literatura de que indivíduos puros ou relações sociais puras são contaminadas pela cultura de mercadorias”. (MILLER, 2007, p. 38). Ainda segundo o autor, isso demonstra que esse materialismo, entendido como uma cultura de mercadorias, representa para estes marxistas “um apego ou uma devoção ao objeto em lugar de um apego ou devoção a pessoas” (MILLER, 2007, p. 38). Em linhas gerais, isso indica, segundo o autor, uma ideologia subjacente do interesse acadêmico da época.

uma humanidade inseparável se sua materialidade” (2007, p. 47).

A partir da década de 1980, nota-se um amplo alcance dos estudos de cultura material em diversos campos científicos como, por exemplo, na Antropologia, na Sociologia, na História, etc. (LIMA, 2011; GONZÁLEZ-RUIBAL, 2006), conferindo-lhe um *status* de disciplina independente. Neste momento, com o ingresso da teoria social na arqueologia e sob forte influência do estruturalismo, o pós-processualismo abriu uma série de novas possibilidades para o estudo da cultura material. Sob o apelido de “radicais de Cambridge”, Ian Hodder, Christopher Tilley, Michael Shanks, entre outros autores, iniciaram este movimento, que oxigenou a arqueologia, trazendo novas leituras para o estudo da cultura material (BEAUDRY e HICKS, 2010; LIMA 2011). Na medida em que essa corrente foi alcançando um maior número de arqueólogos, novos trabalhos foram surgindo, culminando naquilo que Hicks (2010) chama de *Material turn*. Neste contexto, sensorialidade, epistemologias, ontologias e cosmologias, passaram a ser pautas de estudo relacionadas diretamente à materialidade.

Considerada um campo vinculado à Arqueologia, a etnoarqueologia desempenha, desde o início do século XX (DAVID e KRAMER, 2001 e 2002), um importante papel no estudo arqueológico das sociedades contemporâneas (SILVA, 2000, 2009a e 2009b; SILVA, 2015). Nesse sentido, a etnoarqueologia se configurou como um campo de atuação do arqueólogo na busca pela compreensão dos processos socioculturais, que envolviam, sobretudo, a formação do registro arqueológico, a construção de modelos interpretativos e certas analogias aplicadas aos grupos humanos do passado.

Tendências atuais estão demonstrando a importância do estudo etnoarqueológico na compreensão das dinâmicas socioculturais dos materiais. Assim, será realizada uma análise das sociedades contemporâneas e de seus fluxos materiais em andamento (INGOLD, 2012 e 2013). O desenvolvimento dessa etnoarqueologia, segundo González-Ruibal (2003, 2006 e 2009), se caracteriza por transcender a biografia dos objetos, analisando as relações históricas entre pessoas e coisas. Além disso, possui um caráter político de defesa dos direitos das populações estudadas frente ao capitalismo e à globalização (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2009). Essa etnoarqueologia, também caracterizada como um tipo de arqueologia do presente (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2003, 2006 e 2009), deve ser uma prática comprometida com as comunidades locais, com o contexto histórico e com conhecimentos tradicionais dos grupos estudados, considerando a fragilidade na qual estes se encontram, diante de um mundo em globalização.

Como visto anteriormente, um dos traços marcantes da etnoarqueologia é a presença da etnografia enquanto metodologia para o levantamento de dados. Tim Ingold (2014), em artigo recente, destaca a

importância que a etnografia tomou para a Antropologia. Neste contexto, segundo o autor, pode-se falar na existência de diversos tipos de etnografias: campo etnográfico, conhecimento etnográfico, monografias etnográficas, filmes etnográficos e, até mesmo, teoria etnográfica. Sendo assim, segue-se, aqui, sua proposta de uma definição geral para compreender a etnografia dentro deste trabalho, encarando-a como uma arte do descrever (INGOLD, 2014, p. 385). Seguindo a proposta do autor (INGOLD, 2000, 2012 e 2013) de reconciliação da participação e da observação, buscou-se uma prática de conhecimento aberto, constituída através do engajamento, um “estar no mundo” com os pescadores. De modo geral, essa perspectiva se configura naquilo que o autor chamou de *understanding in practice* (INGOLD, 2012; COELI, 2011), de modo a compreender a vida em seu movimento e o acontecer em seu acontecimento. Com isso, conforme afirma o autor, é possível reconectar o saber com o ser, a epistemologia com a ontologia e o pensamento com a vida.

Sendo assim, utilizando a etnografia como fonte de geração de dados, ao longo dos seis anos de pesquisa realizados até então, buscou-se, através de três artefatos, o espinhel, a rede e a gaiola de peixe, responder à seguinte questão: Quais os fluxos de vida e as relações que se desenvolvem entre estes materiais de pesca?

Por fim, é necessário destacar que a escolha desses três artefatos não foi aleatória, mas se baseou na maior quantidade e qualidade de dados disponíveis na pesquisa conduzida até então. Além disso, os três foram apontados pelos pescadores como essenciais para o desenvolvimento da pesca na região, devido à sua utilização ao longo de muitas gerações.

## UM LUGAR COM PESSOAS

A Barra do João Pedro se localiza no litoral norte do Rio Grande do Sul, no município de Maquiné. Nessa região costeira, composta por áreas alagadiças e lagoas de água salobra, a pesca artesanal, baseada na pequena produção mercantil (DIEGUES, 2004), se desenvolveu a partir do final do século XIX, com o surgimento dos balneários de verão, que começaram a criar, ainda que de forma sazonal, um mercado consumidor para o pescado da região (SILVA, 2014).

As águas e ventos mudaram e modelaram, junto com os pescadores, uma paisagem dinâmica. Por um lado, é possível, de modo geral, observar dois períodos sazonais bem marcados no espaço e no tempo, um de cheia (abril a outubro) e um de vazante (novembro a março) (SILVA, 2012 e 2015). Por outro, a imprevisibilidade da pesca (DIEGUES, 1998, 2000 e 2004; MALDONADO, 1994 e 2000; ADOMILLI, 2002 e 2007; MOURÃO,

2003) e as mudanças frequentes do clima tornam *desafiadora* – nas palavras dos próprios pescadores – a vida de quem sobrevive da pesca. Nesse contexto, tal como em uma viração<sup>3</sup>, segundo o velho Lobo da água doce<sup>4</sup>, “temos que enfrentar a tempestade, jamais ir a favor dela”.

A comunidade possui em torno de 60 famílias que sobrevivem, majoritariamente, através da pesca, mas não somente dela, mas de outros serviços temporários. Isso acontece principalmente no período da piracema (01/11 – 01/02), no qual alguns/algumas pescadores e pescadoras buscam, por exemplo, na jardinagem e construção civil a complementação do seguro defeso. Outra característica importante é que, mesmo não morando nesse local, alguns pescadores deixam suas embarcações ancoradas na comunidade para dali partir e realizar suas pescarias. Perguntado sobre isso, um desses pescadores respondeu: “tenho irmãos e sempre morei aqui, porque vou pescar em outro lugar?” (03/08/2011). Nesse sentido, tal como nos pesqueiros (SILVA, 2015), é possível notar a relação familiar e de vida que estas pessoas possuem com a região.

Rodeada quase por completo pelas águas, a Barra do João Pedro e as pessoas se encontram em um mundo de água, terra e vento. Neste, o conhecimento se desenvolve de forma estreita com a paisagem e com os elementos que dela fazem parte, tal como, os peixes, as árvores, os animais terrestres, as montanhas, e na convivência com os mestres/veteranos da região (SILVA, 2015). Sendo assim, tal como propõe Ingold (2000 e 2012), a vida se desenvolve através do engajamento das pessoas em um mundo de materiais em fluxo, sobretudo na perspectiva simétrica de que seres humanos, animais, pedras, água e vento habitam e compartilham um mesmo mundo (OLSEN, 2003; STEIL e CARVALHO, 2012; COELI, 2011; INGOLD, 2000, 2012 e 2013; VELHO, 2001 e 2013; SILLA, 2013; SIMONETTI, 2013).

## O ESPINHEL, A REDE E A GAIOLA

Estes três artefatos, concebidos para a pesca em diversos locais e para as mais variadas espécies, possuem algumas características constitutivas, que devem ser apresentadas antes de adentrar nos fluxos de vida que eles possuem para os pescadores da Barra do João Pedro. Desse modo, a proposta neste item é descrever de maneira detalhada essas ferramentas e suas particularidades de composição, material, forma, etc.

O espinhel (Figura 1) é um artefato composto por uma linha madre, também conhecida como linha principal, na qual se encontram amarradas

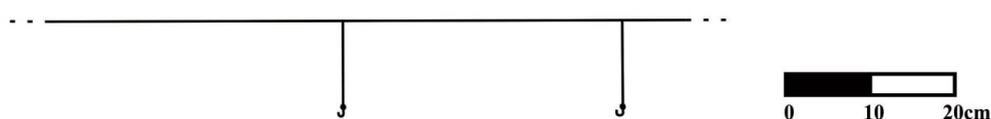
---

<sup>3</sup> Este fenômeno representa uma mudança rápida de um contexto favorável para desfavorável na pesca. Na barra do João Pedro, atribui-se este fenômeno à mudança no vento.

<sup>4</sup> Apelido de um mestre/veterano da pesca e principal interlocutor na pesquisa de campo.

uma série de pequenas linhas – conhecidas como empates – que possuem, em sua ponta, os anzóis. A quantidade de anzóis pode variar conforme o local de pesca (mar, lagoa, rio, etc.), o peixe pescado, o tipo de pesca (artesanal, industrial, etc.), a tradição e o conhecimento local. No caso da Barra do João Pedro, um espinhel contém, em média, entre 150 e 200 anzóis. A distância entre um empate e outro é de uma *braça* – medida que considera a envergadura dos braços abertos que, geralmente, é a mesma medida de altura de cada pessoa, ou seja, se o velho lobo tem 173 centímetros de altura, sua braça (envergadura) será de 173 centímetros. Portanto, cada espinhel terá uma configuração própria de tamanho, pois ele é feito com a característica física de cada um (braça). O tamanho do empate pode variar entre 20 e 50 cm, dependendo do tipo de peixe que se vai pescar, assim como o anzol que possui medidas entre 2 e 6 cm (anzol norueguês de ponta reta).

Figura 1: Parte de um espinhel.



Fonte: Elaboração de Lucas Antonio da Silva e Tiago Muniz.

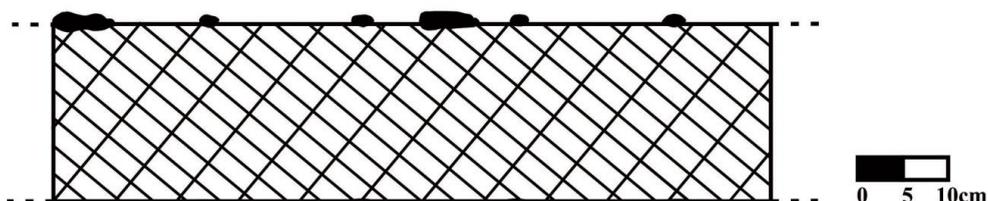
A rede de pesca boiada é composta por um cabo superior, no qual se encontram as boias, um cabo inferior com chumbos para afundar e esticar a rede. A malha ou o pano da rede podem variar de tamanho de acordo com a espécie que se deseja pescar e o local da colocação da rede, podendo modificar, também, a quantidade de panos que se encontram em uma mesma rede. As redes simples com um pano e as feiteiras com três, dois panos comuns e um malhão entre elas para peixes maiores.

Apesar de existirem diversos tipos de redes, a boiada se caracteriza pela existência de boias extras, pois além das convencionais de isopor, os pescadores acrescentam galões ou garrafas *pet* para deixá-las ainda mais próximas da superfície (Figura 2). A maioria das redes boiadas são feiteiras, ou seja, possuem três panos (malha/malhão/malha). O tamanho da rede pode variar entre 1 e 2 metros de altura e 25 e 50 metros de comprimento.

Por fim, a gaiola de pesca (Figura 3) é feita de madeira e possui uma porta superior com duas dobradiças. A gaiola varia de pescador para pescador, porém ela é algo raro de se encontrar, atualmente. Medindo em torno de 1,20 metros de comprimento e 60 cm de altura e largura, a capacidade da gaiola depende do peso e tamanho dos peixes, para esta,

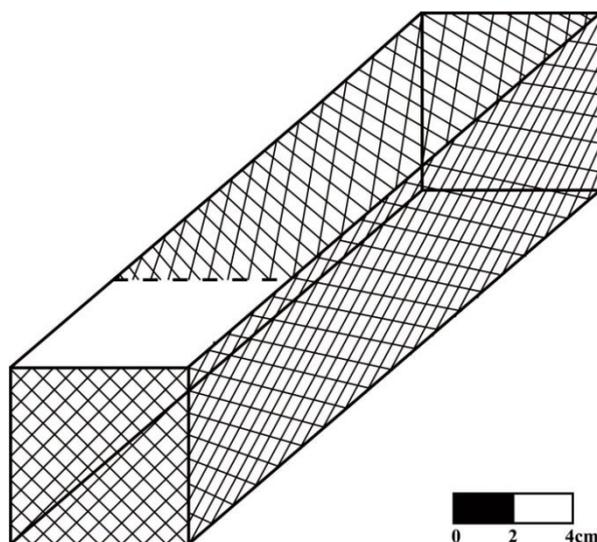
geralmente são colocados entre 25 e 35 peixes. Há uma preferência por materiais mais acessíveis e disponíveis nas proximidades. A durabilidade da gaiola depende de sua utilização correta, por isso os pescadores evitam, ao máximo, retirá-la da água por períodos longos, pois, segundo eles, depois de imersa na água, caso a madeira seque, isso causaria uma série de rachaduras, diminuindo seu tempo de “vida”<sup>5</sup>.

Figura 1. Parte de uma rede boiada.



Fonte: Elaboração de Lucas Antonio da Silva e Tiago Muniz..

Figura 2. Representação da gaiola de pesca.



Fonte: Elaboração de Lucas Antonio da Silva e Tiago Muniz.

<sup>5</sup> A mesma regra também se aplica às embarcações de madeira. Há relatos de canoas de madeira que foram retiradas da água e racharam e, conseqüentemente, apresentaram entrada d'água para dentro da embarcação.

## PESCANDO NA ÁGUA, NA TERRA E NO VENTO

Na Barra, a água, a terra e o vento, como visto anteriormente, fazem parte das relações de vida com os materiais analisados. Nesse sentido, pescar é estar na água com suas redes, limpar o peixe em terra, preocupar-se com o vento e pensar, diariamente, nas dinâmicas que a envolvem. Assim, o conhecimento se desenvolve na interação com o ambiente-mundo<sup>6</sup> e a sua materialização se revela, também, no conhecimento desses pescadores, principalmente considerando a percepção desse ambiente-mundo em que habitam.

O velho Lobo da água doce, em um de seus relatos, revelou que: “em janeiro, fevereiro e março, até o primeiro minuano forte, a água fica mais clara. A isca aparece bem no fundo d’água, o peixe vê melhor” (08/02/2017). É possível notar que o pescador observa, não somente o comportamento do peixe, como se imaginaria de início, mas a incidência da luz na água e a vantagem que ela gera sobre a isca, que fica visível para o peixe. Ainda é possível relacionar o empate do espinhel com a mordida da traíra (*Hoplias* sp.), “... ela morde e fica com a isca na boca, se ela sentir peso na linha larga. O espinhel tem que ser leve” (05/03/2013). Nota-se, com isso, que o espinhel é concebido por diversas variáveis – a água, o vento, o peixe, o peso, a luz, etc. – que, de modo geral, são advindas do conhecimento e da vivência dos pescadores com o ambiente-mundo em que estes habitam (INGOLD, 2013).

Colocar o espinhel na água também indica uma série de relações de e novos fluxos de vida da cultura material: “tem que largar no correr da água e do vento. Se for um pescador velho larga no motor” (03/04/2013). Largar no motor é sempre uma atividade realizada com muita atenção, pois os pescadores relatam o perigo de algum anzol engatar na roupa, ou até mesmo no próprio corpo, mesmo que o motor esteja ligado na primeira marcha, sem aceleração. Aliado a isso, é necessária atenção para não enroscar os anzóis com a corda principal ou com os outros empates “um enroscado largando o espinhel é uma m...” (06/02/2013), como relata o pescador conhecido como *Coringa*, pois pode significar horas de trabalho para desenroscar ou até mesmo cortar partes da corda. Para retirá-lo da água, não são apontadas muitas dificuldades, exceto pela preocupação em não deixar o peixe escapar: “é sempre bom ter um pedaço de pau ou um facão, o peixe briga muito e as vezes escapa” (09/02/2015). Sendo assim, é possível notar que os fluxos de vida do espinhel são dinâmicos, alternando conforme as relações com outros elementos da cultura material vão sendo agregadas ou retiradas.

---

<sup>6</sup>Na perspectiva de Ingold, segundo Steil e Carvalho (2012), nesse ambiente-mundo que se desenvolvem os fluxos de vida material. Nesse sentido, habitá-lo significa estar imerso nesse fluxo, configurando assim, a ideia de pertencimento a este.

As redes de pesca, sobretudo as boiadas<sup>7</sup>, também são um exemplo de um artefato com diversas relações. sendo utilizadas, especialmente, para a pesca da tainha<sup>8</sup> (*Mugil* sp.). A tainha é uma espécie apontada como um peixe dotado de uma inteligência diferente. O velho lobo, durante uma pescaria na lagoa, falou: “A tainha é muito ligeira. Fica olhando pra onde a água tá crespada que ela vai pular...” (03/04/2013), além disso, essas redes podem ser colocadas no banhado, pois “se tem limo deve ter alguma tainha” (24/10/2011) como relata o pescador conhecido como Tuxo. Esse fenômeno de personalização dos animais, dotados de características, a princípio humanas, tal como a inteligência, aparece de forma recorrente em algumas etnografias (ADOMILLI, 2002 e 2007; SAUTCHUK, 2007). Nesse sentido, a rede boiada se constitui como um elemento concebido no fluxo das tainhas, de sua inteligência, de seu pulo, da água crespada, do banhado e do limo. Isso demonstra, de modo geral, que o fluxo de vida dos materiais se encontra, tal como afirma Ingold (2012), num mundo de *emaranhados*, em que as coisas se cruzam e se misturam a todo o momento, a tainha, a rede, as garrafas Pet, a água, o pescador, etc.

Outros fluxos de vida podem ser observados como, por exemplo, na gaiola de peixes ou viveiro. Nela o peixe, principalmente o jundiá (*Rhamdia* sp), é colocado e mantido vivo para a venda ou o abate posterior. Segundo o velho lobo afirma que “... essas gaiola (s) a gente usava quando não tinha freezer. Tinha um monte lá na ponte, o veranista vinha compra ali mesmo, o peixe vivinho” (02/04/2013). Contudo, ainda que possuam *freezers*, atualmente, as gaiolas ainda se fazem presentes na comunidade. Perguntado sobre isso, o velho lobo respondeu que “tem um pessoal que faz uns trabalho(s) com o jundiá, ele precisa tá vivo...” questionado, ainda, se sabia como se dava esse “trabalho”, o pescador respondeu: “não sei bem. O pessoal diz que eles usam o sangue do jundiá pra atraí dinheiro”. Portanto, se observa que a gaiola possuía uma historicidade, um fluxo de vida que se relaciona com sua funcionalidade, com o mercado consumidor de peixe, com a ponte, a água, o peixe, os rituais, e as pessoas locais. A gaiola, nesse sentido, representa um artefato em trânsito, em movimento e, dentro d’água, na medida em que a corrente do rio passa por ela, novos fluxos surgem: “A gaiola tem que fica onde a água tá correndo, pro jundiá respira” (02/04/2014), conduzindo a novas relações com outros materiais.

## CONCLUSÕES

Os materiais de pesca são compostos por diversas relações que se

---

<sup>7</sup> Redes que possuem boias extras no cabo superior, em geral, essas boias são garrafas Pet.

<sup>8</sup> Ainda que sejam pensadas e utilizadas para a captura das tainhas, é frequente capturar outros peixes também.

constituem em inúmeros fluxos que, ora seguem em uma mesma direção, ora seguem caminhos diferentes ou as duas coisas simultaneamente. Esses fluxos de vida, recuperados através de uma etnografia detalhada e da sua observação, permitem uma compreensão dos materiais sob outro ângulo que, de um modo geral, apresenta o “acontecer” das coisas, em que vários “aconteceres” se entrelaçam (INGOLD, 2012 e 2013).

O conhecimento dos pescadores, adquirido na sua convivência com o ambiente-mundo bem como na sua percepção do todo, se desenvolve na medida em que novos fluxos de vida e relações com os materiais vão sendo estabelecidas. Esse engajamento permite mais do que pensar os materiais como objetos da atividade humana, mas concebê-los como parte da humanidade, na medida em que até mesmo os corpos se constituem por sua materialidade. É possível, através dos fluxos de vida e das relações destacadas perceber o quão complexo e desconhecido é esse emaranhado de fios entrelaçados pelos materiais. Isso porque, na investigação destacou-se apenas três artefatos que constituem o ambiente da pesca, diante da tamanha diversidade ainda existente para ser explorada.

O espinhel, as redes e a gaiola de pesca contribuem, em certa medida, para evidenciar as diversas relações possíveis através da percepção e dos conhecimentos baseados na vivência das pessoas no ambiente-mundo. De modo geral, esses materiais, tomados muitas vezes como representativos da pesca, possuem fluxos de vida muito diversos, relacionados à água, a terra, ao vento, aos animais, às histórias de vida etc., demonstrando que uma perspectiva funcional é insuficiente para explicar a complexidade e a diversidade da materialidade. Sendo assim, a existência das coisas, espinhéis, redes, gaiolas e pescadores deve ser tomada em uma perspectiva relacional, em que elas se integram e se misturam.

Com isso, através do estudo etnoarqueológico da pesca é possível estabelecer novos horizontes sobre os materiais, suas relações e seus fluxos nos dias de hoje. Além disso, pode-se concluir que a etnoarqueologia possibilita uma convivência distinta com a pesquisa, pois o trabalho sempre será vivo, na medida em que as pessoas, materiais, e demais habitantes do mundo estão em constante movimento. Portanto, compreender os fluxos e as relações do espinhel, da rede boiada e da gaiola de pesca no ambiente-mundo é apenas uma pequena parte das linhas de vida emaranhadas na pesca artesanal da região.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOMILLI, Gianpaolo K. **Trabalho, meio ambiente e conflito: um estudo antropológico sobre a construção da identidade social dos pescadores do**

Parque Nacional da Lagoa do Peixe – RS. 2002, 114 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, [2002].

\_\_\_\_\_. **Terra e mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima: tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte** – RS. 2007. 343 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, [2007].

BEAUDRY, M.; HICKS, D. Introduction. Material culture studies: a reactionary view. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **The Oxford Handbook of Material Culture Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 1–21.

COELLI, R. A teoria da pessoa de Tim Ingold: mudança ou continuidade nas representações ocidentais e nos conceitos antropológicos?. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 357–389, 2011.

DAVID, N; KRAMER, C. **Ethnoarchaeology in Action**. New York: Cambridge Press, 2001.

\_\_\_\_\_. Teorizando a etnoarqueologia e analogia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 13–60, 2002.

DIEGUES, A. C. (Org.). **Ilhas e Mares: simbolismo e imaginário**. São Paulo: HUCITEC, 1998.

\_\_\_\_\_. (Org.). **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec/NUPAUB–USP, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Pesca Construindo Sociedades**. São Paulo: NUPAB–USP, 2004.

GONZÁLEZ–RUIBAL, A. **La experiencia del otro: una introducción a la etnoarqueología**. Madrid: Ediciones AKAL, 2003.

\_\_\_\_\_. The past is tomorrow. Towards na archaeology of the vanishing present. **Norwegian Archaeological Review**, v. 39, n. 2, p. 110–125, 2006.

\_\_\_\_\_. De la etnoarqueología a la arqueología del presente. In: SALAZAR, J. et al. **Mundos tribales: una visión etnoarqueológica**. Valencia: Museo de Prehistoria, 2009. p. 16–27.

HICKS, D. The material cultural turn, event and effect. In: HICKS, D;

SILVA, Lucas Antonio da. Nas cordas, anzóis, redes e gaiolas: seguindo os materiais na pesca artesanal. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 115–128, jan./jun. 2017.

BEAUDRY, M. (Org.). **The Oxford Handbook of material cultural studies**. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 25–98.

INGOLD, T. **The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill**. London: Routledge, 2000.

\_\_\_\_\_. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25–44, 2012.

\_\_\_\_\_. Los materiales contra la materialidade. **Papeles de trabajo**, Buenos Aires, v. 7, n. 11, p. 19–39, 2013.

\_\_\_\_\_. That's enough about ethnography!. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 4, n. 1, p. 383–395, 2014.

LIMA, T. Cultura material, a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 6, n. 1, p. 11–23, 2011.

MALDONADO, S. **Mestres e Mares, espaço e indivisão na pesca marítima**. São Paulo: Annablume, 2ª edição, 1994, 193 p.

\_\_\_\_\_. O caminho das pedras: percepção e utilização do espaço marinho na pesca simples. In: DIEGUES, A. C. (Org.). **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec/NUPAUB–USP, 2000. p. 59–68.

MENESES, U. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, n. 115, p. 103–117, 1983.

\_\_\_\_\_. A identidade da Arqueologia brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 29, n. 83, p. 19–23, 2015.

MILLER, D. **Material Culture and Mass Consumption**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

\_\_\_\_\_. Consumo como cultura material. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 33–63, 2007.

MOURÃO, F. **Pescadores do litoral sul do Estado de São Paulo**. São Paulo: Hucitec/NUPAUB–USP, 2003[1971].

OLIVER, L. The past of the presente. *Archaeological memory and time*.

SILVA, Lucas Antonio da. Nas cordas, anzóis, redes e gaiolas: seguindo os materiais na pesca artesanal. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 115–128, jan./jun. 2017.

**Archaeological Dialogues**, Cambridge, v.10, n. 2, p. 204–213, 2004.

OLSEN, B. Material culture after text: Re-membering things. **Norwegian Archaeological Review**, v. 36, n. 2, p. 87–104, 2003.

\_\_\_\_\_. **In defense of things: archaeology and the ontology of objects**. Plymouth: Altamira Press, 2010.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. **O arpão e o anzol, técnica e pessoa no estuário do Amazonas (vila Sucuriju, Amapá)**. 2007. 309 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS, UNB, Brasília, DF, [2007].

SILLA, R. Tim Ingold, neo-materialismo y pensamiento pos-relacional en antropología. **Papeles de Trabajo**, Buenos Aires, v. 7, n. 11, p. 11–18, 2013.

SILVA, F. **As Tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica**. 2000. 244 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, [2000].

\_\_\_\_\_. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. **Métis (UCS)**, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, p. 121–139, 2009a.

\_\_\_\_\_. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 4, n. 1, p. 27–37, 2009b.

SILVA, L. **Pescadores da Barra do João Pedro, um estudo etnoarqueológico**. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH, PUCRS, Porto Alegre, RS, [2012].

\_\_\_\_\_. História e desenvolvimento da atividade pesqueira no litoral norte do Rio Grande do Sul (século XVII–XX). **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 85–105, 2014.

\_\_\_\_\_. Com vento a lagoa vira mar: uma etnoarqueologia da pesca no litoral norte do RS. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 10, n. 2, p. 537–547, 2015.

SIMONETTI, C. En presencia de lo ausente: rastreando materiales en movimiento. **Papeles de Trabajo**, Buenos Aires, v. 7, n. 11, p. 40–61, 2013.

SILVA, Lucas Antonio da. Nas cordas, anzóis, redes e gaiolas: seguindo os materiais na pesca artesanal. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 115–128, jan./jun. 2017.

STEIL, C; CARVALHO, I. Diferentes aportes no âmbito da antropologia fenomenológica: diálogos com Tim Ingold. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012. p. 31–47.

VELHO, O. De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 133–140, 2001.

\_\_\_\_\_. Epílogo. **Papeles de Trabajo**, v. 7, n. 11, p. 109–112, 2013.

## **AUTOR**

### **Lucas Antonio da Silva**

Doutorando em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional–UFRJ. Bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ. E-mail: [las.arg@hotmail.com](mailto:las.arg@hotmail.com) .

Recebido em: 13/03/2017.

Aprovado em: 11/04/2017.

Publicado em: 13/12/2017.